



A MULHER NA LITERATURA APOCALÍPTICA JUDAICA E CRISTÃ

Lidice Meyer Pinto Ribeiro*

RESUMO

Observa-se a presença de figuras femininas em trinta e um dos cinquenta textos apocalípticos escritos entre os séculos II AEC e IV EC. Desses, apenas seis foram considerados inspirados e participam do cânon bíblico. O presente estudo busca compreender se as questões teológicas referentes ao gênero foram relevantes para a exclusão dos demais textos na compilação da Bíblia cristã. Para isso, fez-se uma leitura estrutural desses textos apocalípticos sob o olhar da Antropologia Bíblica, estudando essas presenças dentro dos enfoques: endogamia e exogamia, origem do mal, julgamento moral, liderança feminina, cura apocalíptica e a concepção do messias. As relações explicitadas no decorrer do estudo abrem a possibilidade de futuras pesquisas na hermenêutica do feminino na teologia.

Palavras-chave: Apocalíptica; Gênero; Hermenêutica do Feminino; Cânon; Antropologia Bíblica.

WOMEN IN JEWISH AND CHRISTIAN APOCALYPTIC LITERATURE

ABSTRACT

The presence of female figures is observed in thirty-one of the fifty apocalyptic texts written between the 2nd century BC and 4th century CE. Of these, only six were considered inspired and part of the biblical canon. The present study seeks to understand whether theological issues related to gender were relevant to the exclusion of other texts in the compilation of the Christian Bible. For this, a structural reading of these apocalyptic texts is carried out under the gaze of

* Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), pós-doutorada em Antropologia e História pela Universidade de São Paulo (USP), pós-doutoranda em Estudos de Globalização pela Universidade Aberta de Lisboa, docente no Mestrado em Ciência das Religiões da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias em Lisboa, Portugal.



biblical anthropology, studying these presences within the approaches: endogamy and exogamy, origin of evil, moral judgment, female leadership, apocalyptic healing, and the conception of the messiah. The relationships made explicit during the study open the possibility of future research in the hermeneutics of the feminine in theology.

Keywords: Apocalyptic; Gender; Hermeneutics of the Feminine; Canon; Biblical Anthropology.

MUJERES EN LA LITERATURA APOCALÍPTICA JUDÍA Y CRISTIANA

RESUMEN

La presencia de figuras femeninas se observa en treinta y uno de los cincuenta textos apocalípticos escritos entre el siglo II a.C. y el siglo IV d.C. De estos, solo seis fueron considerados inspirados y parte del canon bíblico. El presente estudio busca comprender si las cuestiones teológicas relacionadas con el género fueron relevantes con la exclusión de otros textos en la compilación de la Biblia cristiana. Para ello, se realiza una lectura estructural de estos textos apocalípticos bajo la mirada de la antropología bíblica, estudiando estas presencias dentro de los enfoques: endogamia y exogamia, origen del mal, juicio moral, liderazgo femenino, sanación apocalíptica y la concepción del mesías. Las relaciones explicitadas durante el estudio abren la posibilidad de futuras investigaciones en la hermenéutica de lo femenino en teología.

Palabras clave: Apocalíptico; Género; Hermenéutica de lo Femenino; Canon; Antropología bíblica.

INTRODUÇÃO

Entre os séculos II AEC e IV EC, a Bíblia cristã estava sendo gestada no útero da comunidade judaico-cristã. Junto com os livros que foram aceitos no cânon¹ como inspirados e chegaram até os dias atuais, muitos outros textos circulavam entre os judeus e cristãos. Dentre esses textos, destacamos os textos apocalípticos². Esses textos, apesar de muito bem recebidos pelos dois grupos religiosos, não entraram no cânon nem da

¹ A Bíblia Católica possui a totalidade de 73 livros enquanto a Bíblia Protestante possui 66 livros, mantendo os 27 livros do Novo Testamento e excluindo os 7 deuteroacanônicos.

² Para a elaboração deste artigo foram utilizados os textos apocalípticos traduzidos e transcritos em: CHARLES (2006, 2010), CHARLESWORTH (2010), PIÑERO & TORRENTES (2016), ROBINSON (2006) e TERRY (2020). Optou-se por manter as citações dos Livros Apocalípticos com capítulos e versículos para que estes possam ser verificados facilmente em qualquer fonte, incluindo as acessíveis na internet.



Bíblia judaica nem da Bíblia cristã. Porém, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento, podemos encontrar textos claramente apocalípticos e dois livros que enquadram-se totalmente nesse gênero literário: o livro de “Daniel” e o “Apocalipse”, de João. A liderança cristã primitiva, via nos textos apocalípticos valor de Escritura, tendo alguns deles influenciado diretamente o autor do livro de Judas e as atitudes dos cristãos de Tessalônica, até mesmo o Apóstolo Paulo. Foi apenas após o final do século II EC, com o início da seleção de textos para o cânon da Bíblia cristã, que essa discussão sobre a validade ou não dos textos apocalípticos começou. O “Apocalipse”, de Pedro, que contém a primeira descrição cristã do inferno (Martha HIMMELFARB, 1985), é mencionado no primeiro cânon conhecido, o Cânon de Muratori, de cerca de 200 EC. O livro “Pastor de Hermas” foi considerado parte das Escrituras por Irineu, Clemente de Alexandria, Orígenes e Tertuliano, só sendo retirado do cânon no Decreto Gelasiano (492-496 EC) e, mesmo assim, permaneceu no Codex Sinaiticus da Bíblia Grega (séc. IV). Até mesmo o “Apocalipse” de João sofreu alguma relutância para ser aceito no Cânon de Muratori. Foi só no século IV que o “Apocalipse” de João entrou definitivamente na Bíblia como conhecemos hoje. Mesmo assim, a Igreja Oriental só o aceitou como inspirado após o século VII (Herculano ALVES, 1988).

Toda essa relutância leva-nos a questionar os textos apocalípticos internamente na busca de elementos em comum que justifiquem a sua exclusão do texto além dos motivos alegóricos que os compõem em sua quase totalidade, já que tanto o livro de “Daniel” como o “Apocalipse” de João, apesar de possuírem a mesma carga de alegoria, estão presentes na Bíblia. O olhar da Antropologia Bíblica sobre a mulher nos textos apocalípticos escritos do século II AEC a IV EC (quando o cânon foi estabelecido) pode lançar alguma luz sobre essa questão.

A LITERATURA APOCALÍPTICA

Foi em meados do século XIX que textos apócrifos como o “Livro de Enoque” e o “Livro dos Jubileus”, oriundos das bibliotecas encontradas na Etiópia como o “Apocalipse Siríaco de Baruc”, encontrado na Biblioteca Ambrosiana de Milão, começaram a ser estudados. Alguns anos depois, as escavações em Qumran revelariam mais textos com características semelhantes. O estudo desses textos, em comparação com o “Apocalipse” de João, da Bíblia, mostrou diversas semelhanças,



o que levou a serem classificados em um gênero literário à parte: a literatura apocalíptica. O nome desse gênero literário é baseado na palavra grega que abre o “Apocalipse” de João: *apokalypsis*, a qual pode ser traduzida como “revelação”. Os textos classificados dentro do gênero apocalíptico abordam sempre uma revelação sobrenatural recebida por um vidente, seja por uma visão ou por uma viagem astral aos céus e/ou inferno.

Um dos maiores estudiosos do gênero apocalíptico, sobretudo dos textos de origem judaica, é o professor John Collins. Dele temos a seguinte definição sobre os apocalipses:

Um apocalipse é um gênero de literatura de revelação com estrutura narrativa, no qual a revelação a um receptor humano é mediada por um ser sobrenatural, desvendando uma realidade transcendente que tanto é temporal, na medida em que vislumbra salvação escatológica, quanto espacial, na medida em que envolve outro mundo, sobrenatural (Jonh COLLINS, 2010, p. 22).

A origem dos textos apocalípticos está sempre ligada a eventos de crise nacional ou local. Podemos dizer que um apocalipse é uma literatura própria de épocas de crise e perseguição e que o texto tem a finalidade de “revelar” o cuidado de Deus e sua soberania sobre a história que leva o leitor a perceber que, apesar do sofrimento vivenciado, ele é breve e limitado perante toda a história de Israel ou da Igreja. O texto apocalíptico visa, portanto, especular a origem do mal, consolar pela soberania de Deus e exortar o leitor a permanecer fiel na certeza da vitória no futuro.

A crise inicial que despertou para o surgimento dos primeiros textos apocalípticos foi o Exílio na Babilônia. Antes da derrota e deportação, a identidade do povo de Israel estava bem sedimentada em instituições nacionais como o Templo, os Sacerdotes e os Reis. No Exílio, essas instituições deixaram de existir e o povo passou por uma crise de identidade e de fé. A convicção reinante era de que o espírito da profecia havia cessado até que o Messias viesse (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 914 - Sl. 74:9). Os autores apocalípticos não viam-se como profetas. Eles percebiam-se como visionários que recolhiam e atualizavam as histórias dos antepassados para gerar conforto e esperança ao demonstrar que Deus está no controle da história. Depois do Exílio, a história de Israel



tornou-se uma sucessão de crises geradas pelos domínios diversos a que esteve submetido: Gregos, Selêucidas e Romanos. Quando estabelecemos uma comparação entre os períodos datados para cada texto apocalíptico com a história de Israel e da Igreja percebemos claramente a relação entre essa literatura e os períodos de crise. Os textos apocalípticos nasceram de movimentos de resistência à crise e à perseguição (Anathea PORTIER-YOUNG, 2014).

Das características que envolvem o gênero apocalíptico, com certeza é a linguagem simbólica utilizada pelos autores que mais atrai a curiosidade na leitura desses textos, levando muitos a considerarem-nos misteriosos e até mesmo perigosos. Para uma leitura correta desses textos é necessário dominar ao menos um pouco o repertório simbólico-histórico-cultural do autor do texto. Só assim o conteúdo do texto apocalíptico deixa de ser hermético e esotérico para tornar-se mais compreensível. O estudo antropológico estrutural dos textos apocalípticos revela que sua linguagem está principalmente enraizada nos textos do Antigo Testamento, sobretudo, no Gênesis e no Êxodo. Os textos apocalípticos posteriores ao século I EC já apresentam, além de referências aos dois primeiros livros da Bíblia, referências aos livros de Salmos, Isaías, Ezequiel, Zacarias, Jeremias e Daniel. Esses livros da Bíblia por si só já apresentam seres mitológicos e mitos apreendidos com os povos circunvizinhos de Israel. Os textos apocalípticos são ricos em referências a mitos babilônicos, persas, cananeus, egípcios e gregos. Para ler e estudar um texto apocalíptico, portanto, deve-se sempre recorrer aos conteúdos culturais desses povos, além dos textos do Antigo Testamento. A Antropologia Bíblica aplica os métodos antropológicos à leitura e ao estudo do texto bíblico, colaborando com a exegese ao fornecer também os contextos sócio-histórico-culturais relativos a cada texto. Sendo os textos apócrifos apocalípticos tão semelhantes aos textos apocalípticos bíblicos como também escritos na mesma época histórica, podemos utilizar em seu estudo os mesmos métodos estruturalistas voltados ao estudo bíblico³.

3 Embora o antropólogo Lévi-Strauss tenha sido o primeiro a aplicar o método estruturalista ao estudo dos mitos, foi Edmund Leach quem percebeu sua utilidade para a análise dos textos bíblicos, sendo essa uma das bases da Antropologia Bíblica. Para conhecer mais sobre o método estruturalista na Antropologia Bíblica, veja: LEACH, Edmund; AYCOCK, Alan. **Structuralist Interpretations of Biblical Myth**. Cambridge: University Press, 1983.



Para realizar este estudo, recolhemos cinquenta textos apocalípticos escritos entre os séculos II AEC e o século IV EC, quando o cânon bíblico foi estabelecido. Na figura 1, é possível observá-los quanto à presença de personagens femininos.

	Data	Nome do Livro	Presença feminina		Data	Nome do Livro	Presença feminina	
JUDAICOS CANÔNICOS	VI AEC	Ezequiel 38-39	-	GNÓSTICOS	I-II EC	Apocalipse de Adão	SIM	
	VI-V AEC	Joel 3:9-17	-		II EC	Apócrifo de João	SIM	
	IV AEC	Zacarias 12-14	-		II EC	1º Apocalipse de Tiago	SIM	
	II AEC	Jeremias 33:14-26	-		II EC	2º Apocalipse de Tiago	SIM	
	II AEC	Isaías 24-27; 33; 34-35	-		II EC	Apocalipse Gnóstico de Pedro	SIM	
	II AEC	Daniel 7-12	SIM		II-III EC	Apocalipse copta de Paulo	-	
JUDAICOS NÃO CANÔNICOS	II AEC	Livro Etíope de Enoque	SIM	CRISTÃOS CANÔNICOS	III-IV EC	Marsanes	SIM	
	II AEC	Livro dos Jubileus/Genesis menor	SIM		I EC	Apocalipse Sinótico (Mt. 24-25, Mc. 13, Lc. 21)	SIM	
	II AEC	Testamento dos 12 Patriarcas	SIM		I EC	1 Tessalonicenses 4-5	SIM	
	I EAC	Apocalipse Aramaico	-		I EC	2 Tessalonicenses 2	-	
	I AEC	Salmos de Salomão	SIM		I EC	Gálatas 1. 12-16	-	
	I AEC	Ap. de Moisés Vida de Adão e Eva	SIM		I EC	1 Timóteo 4	-	
	I AEC-I EC	Revelação de Gabriel	-		I EC	2 Pedro 3	-	
	I AEC-I EC	Gênesis Apócrifo	SIM		I EC	Judas 14-15	-	
	I EC	Apocalipse de Abraão	SIM		I EC	Apocalipse de João	SIM	
	I EC	Ap. Grego de Baruc/3 Baruc	SIM		CRISTÃOS NÃO CANÔNICOS	II EC	Pastor de Hermas	SIM
	I EC	4 Esdras	SIM			I-III EC	Apocalipse de Esdras	-
	I EC	Ap. Sírio de Baruc/2 Baruc	-			II EC	Apocalipse de Pedro	SIM
	I EC	Assunção e Test. de Moisés	-	II-IV EC		Apocalipse de Tomé	-	
	I EC	Livro da Sibila/Oráculos Sibilinos	SIM	II-IV EC		Apocalipse Copta de Elias	SIM	
	I EC	O Testamento de Abraão	SIM	II-IX EC		Apocalipse Grego de Esdras	SIM	
	I EC	Segredos de Enoque/2 Em.	-	III EC		Questões de Bartolomeu	SIM	
	I EC	Apocalipse de Sofonias	SIM	IV EC		Apocalipse de Paulo/Ap. da Virgem (etíope)	SIM	
	II-V EC	Ap. de Sedrach	-	IV EC		Apocalipse Apócrifo de João	-	
	II-VII EC	Sefer Elias	-					
	V EC	3 Enoque	-					
	VII EC	Ap. de Zorobabel	SIM					

Figura 1 – Presença de elementos femininos nos textos apocalípticos do século II AEC a IV EC

Fonte: autoria própria.



MULHER, ENDOGAMIA E EXOGAMIA NOS TEXTOS APOCALÍPTICOS

Em trinta e um dos cinquenta textos apocalípticos judaicos escritos entre os séculos II AEC e o século IV EC estudados para este artigo encontramos personagens femininos ou alguma referência ao gênero feminino. Só isso já mostra a importância de um estudo voltado para essas mulheres. Outro fato de destaque é que dentre os textos apocalípticos que foram aceitos como inspirados e entraram na composição do Antigo Testamento, apenas o livro de Daniel possui personagens femininos. As duas personagens citadas em Daniel 11:6-7 e 17 (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 1444) são referências a princesas estrangeiras⁴ que foram utilizadas como uma tentativa frustrada de estabelecimento de paz em um período de guerra, o que ressalta a força da soberania divina perante as tentativas humanas de superação de crises.

O cristianismo, por sua vez, nasceu do movimento apocalíptico que desenvolveu-se durante a dominação romana na Palestina (John COLLINS, 2010). Daí observamos em diversos textos a presença de elementos apocalípticos. Mas, mesmo assim, a presença do gênero feminino nos textos apocalípticos do Novo Testamento é exígua. A carta de 1 Tessalonicenses, o primeiro texto do Novo Testamento a ter sido escrito (c. 50 d.C.), mostra claramente o ambiente escatológico que os primeiros cristãos vivenciavam. Para ressaltar a iminência da volta de Jesus, o Messias, Paulo a descreve nos capítulos 4-5 com a linguagem simbólica como uma mulher prestes a entrar em trabalho de parto. Já a parábola das doze virgens registrada em Mateus 25 (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 1612), que acredita-se ter sido escrita em 80-90 d.C., alerta para a necessidade de manter a vigilância mesmo que o Noivo/Jesus demore a vir. Esse texto tornou-se um referencial no cristianismo primitivo para o comportamento de vigilância esperado do cristão, bem como do casamento sagrado entre Cristo e a Igreja, simbolizado no batismo. O “Apocalipse” de João, por sua vez, aborda cinco⁵ personagens femini-

⁴ Filha do Rei do Sul (Dn. 11:6-7) identificada como Berenice Sira (280-246 AEC) e Filha do Rei do Norte (Dn. 11:17) identificada como Cleópatra I Sira (215-176 AEC). Fonte: ALVES, Herculano. **Bíblia Sagrada** – a Bíblia dos capuchinhos. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2015. p. 1444, notas 6 e 17.

⁵ Considera-se aqui o Espírito como a quinta personagem feminina devido à sua compreensão judaica como substantivo feminino (*ruah*), embora o texto original seja escrito no grego em que a palavra *pneuma* é um substantivo neutro (Lidice RIBEIRO, 2021b, p. 17-18). As demais personagens femininas são Jezabel (Ap. 2), a mulher (Ap. 12), a grande prostituta (Ap. 17-18) e a noiva/esposa (Ap. 19-22). (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 2030, 2049-2050, 2052-2057)



nos, fato que pode ter contribuído para a resistência encontrada para a sua inclusão no cânon.

Ao estudar o significado e a importância da mulher nos textos apocalípticos, é importante ter sempre em mente o fato de que a crise primordial que deu início a esse tipo de literatura foi o Exílio Babilônico (John COLLINS, 2010). Antes do exílio, a identidade do povo era firmada pelas grandes instituições do Templo, Sacerdócio e Rei. Com a destruição do templo e deportação para a Babilônia, todas essas instituições “caíram por terra”. Foi uma crise social e de fé para o povo (Herculano ALVES, 1988). O retorno do exílio e a restauração do templo de Esdras e Neemias foram acompanhados de uma reflexão sobre as causas do castigo divino infligido ao povo. O pecado da exogamia foi apontado por Esdras e Neemias como uma das causas principais para que o povo tenha se afastado de Deus e trazido sobre si o castigo.

Naqueles dias encontrei mais alguns judeus que tinham desposado mulheres de Asdod, de Amon e de Moab. [...] Admoestei-os e amaldiçoei-os, até bati em alguns, arranquei-lhes os cabelos e ordenei-lhes, em nome de Deus: Não dareis as vossas filhas aos filhos dos estrangeiros e não tomareis filhas estrangeiras para os vossos filhos nem para vós mesmos. Não foi este o pecado de Salomão, rei de Israel? [...] **foram as mulheres estrangeiras que o induziram a pecar.** (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 665 - Ne. 13:23-26).

Os israelitas foram forçados a despedir suas esposas de outras origens étnicas juntamente com seus filhos miscigenados. A construção da nova identidade do povo de Israel necessitava de uma purificação étnica. A partir de então, à mulher, mais especialmente, à mulher estrangeira, foram associados os seguintes adjetivos: tentadora, enganadora, infiel, pecadora e idólatra. Essa visão sobre a mulher estrangeira pode ser vista claramente nos apocalipses judaicos, principalmente nos “Testamentos dos 12 Patriarcas”, em especial, nos Testamentos de Ruben, José, Judá, Dã e Levi. “Escolhe para ti uma mulher, enquanto és jovem! Seja ela pura e sem mancha, e não proceda nem de estranhos nem de pagãos!” (Testamento de Levi 9:3). Nos “Salmos de Salomão” encontramos o hino para proteção dos Santos: “Guarda-me, ó Senhor, do pecado danoso e de toda a mulher maligna que faz o insensato tropeçar e que a beleza



da mulher ímpia não me engane, nem nada do pecado imprestável.” (Salmos de Salomão 16).

O “Livro dos Jubileus” ressalta uma série de recomendações à endogamia dadas pelo próprio Deus a Moisés: “E tu, Moisés, ordene aos filhos de Israel e os exorte a não dar suas filhas aos gentios, e não tomar para seus filhos nenhuma das filhas dos gentios, porque isso é abominável diante do Senhor.” (Livro dos Jubileus 30:11). A exogamia é considerada uma prática vergonhosa e imunda: “E é uma vergonha para Israel, para aqueles que vivem, e para aqueles que tomam as filhas dos gentios; porque isto é imundo e abominável para Israel.” (Livro dos Jubileus 30:13).

A pureza étnica deve refletir a pureza espiritual do povo separado por Deus: “E não há pecado maior que o da fornicção cometida sobre a terra; porque Israel é uma nação santa para o Senhor seu Deus, e uma nação de herança, e uma nação sacerdotal e real para Sua possessão. E tamanha imundície não deverá aparecer no meio da nação santa.” (Livro dos Jubileus 33:20).

Em contraposição, a mulher israelita é louvada e protegida nos apocalipses. A história de Diná e os Siquemitas é recontada pela visão do patriarca Levi que mostra como a ofensa a uma mulher israelita era como uma ofensa ao povo de Israel como um todo: “E o Senhor os entregou nas mãos dos filhos de Jacó para que eles os exterminassem com a espada e executassem julgamento sobre eles, e para que nunca mais seja feito em Israel que uma virgem de Israel seja contaminada [violada].” (Livro dos Jubileus 30:6).

As matriarcas Sara, Rebeca, Raquel e Lia (Testamento dos 12 Patriarcas, Gênesis Apócrifo, Testamento de Abraão) são sempre retratadas como mulheres de fé e espiritualidade aguçada, cuja ação tem um papel decisivo na história do povo de Israel. O “Testamento de Judá” apresenta uma exceção. Duas mulheres cananeias são contrapostas: Batsua, a esposa de Judá; e Tamar, sua nora. Enquanto Batsua é descrita como uma mulher ardilosa, invejosa e condenada à morte por Deus, Tamar é justa e recatada, apesar de ter se feito de prostituta para seduzir e engravidar do sogro, Judá. Sua ação, em vez de ser reprovável, é considerada o meio divino para providenciar a continuidade da linhagem de Judá, na promessa da vinda do Messias. O Testamento de Naftali



registra a genealogia de Zilpa e Bila, as duas concubinas de Jacó, como sendo descendentes de Abraão, de modo a assegurar que os 12 Patriarcas eram fruto de endogamia.

A relação entre exogamia com infidelidade e endogamia com fidelidade transpassa quase todos os textos apocalípticos judaicos e cristãos, estando presente, inclusive, no “Apocalipse” de João. Nele, a mulher chamada Jezabel (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 2030 - Ap. 2:20-25) é uma clara contraposição à mulher vestida de Sol (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 2049-2050 - Ap. 12), enquanto a grande prostituta Babilônia (Ap. 17) é uma contraposição da Noiva/Esposa/Nova Jerusalém (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 2052-2057 - Ap. 19-22). Figuras que sobrepõem-se e complementam-se, ressaltando, pelo contraste estabelecido, a pureza da Mulher/Noiva. A quinta figura feminina do “Apocalipse” de João parecerá estranha para alguns, pois trata-se do Espírito que, em português, pertence ao gênero masculino, porém no hebraico é uma palavra feminina: *ruah*. A face feminina de Deus que estava presente na criação do mundo (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 24 - Gn. 1:1-2) participa ativamente da celebração das bodas entre a Noiva/Esposa e o Cordeiro (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 2057 - Ap. 22:17). Os leitores do texto, oriundos da cultura judaica, não só identificavam o Espírito como feminino como também conheciam o papel da matriarca em tratar das questões que envolviam o casamento dos filhos. É a mesma imagem utilizada pelo Apóstolo Paulo na carta de 2 Coríntios 11:2: “vos despossei com um único esposo, Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura.” (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 1900). A pureza da noiva/Igreja é paralela à pureza étnica da endogamia judaica.

A MULHER E A ORIGEM DO MAL NOS TEXTOS APOCALÍPTICOS

De todos os Apocalipses encontrados até hoje, o Livro de Enoque é o que tem a data mais antiga atribuída (John COLLINS, 2010). Em uma de suas divisões, conhecida como “O Livro das Parábolas”, o julgamento final é seguido de um banquete em que serão servidos “um monstro fêmea, cujo nome é Leviatã, habitando nas profundezas do mar, acima das fontes de águas; e um monstro macho, cujo nome é Behemoth, o qual possui, movendo-se em seu ventre, o deserto invisível.” (cap. 58:7-8). É curiosa a relação de Leviatã com o feminino e as fontes das águas.



A água é associada ao feminino pelo seu poder criador, fecundador e regenerador (Gaston BACHELARD, 1998). A própria vida na cosmovisão judaico-cristã nasce das águas primordiais (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 24 -Gn. 1:1-2), como todo ser humano é gestado e nasce do líquido amniótico. Leviatã, apesar disso, é um monstro, pois as águas podem criar, mas também destruir. O monstro feminino aponta para a percepção ancestral do feminino como um poder dúbio e contraditório: vida e morte.

Apesar da compreensão popular de que Eva seria a responsável pela entrada do pecado no mundo, os livros apocalípticos judaicos: “1 Enoque”, “Livro dos Jubileus”, “Apocalipse de Abraão” e “3 Baruc” não relacionam diretamente a culpa pela entrada do mal na terra à primeira mulher. Os “Oráculos Sibilinos” relatam que Eva foi a primeira a comer do fruto e que persuadiu o homem a comer também, mas ambos foram enganados da mesma forma, pois “a terrível serpente os atraiu com astúcia para ir para o destino da morte e para obter conhecimento do bem e do mal”, portanto, “em vez de bem, eles receberam o mal de acordo com sua ação” (Oráculos Sibilinos §50-52; 58-59). O livro “3 Baruc” chega a culpabilizar Adão como representante da humanidade, o que pode ter sido a fonte da teologia paulina exposta em Romanos 5:12 (BIBLIA SAGRADA, 2015, p.1844. Além dos textos apocalípticos circularem entre as comunidades judaicas, esses eram também fontes de estudos utilizadas por rabinos como Gamaliel, professor do Apóstolo Paulo. Compare os dois textos:

Se Adão foi o primeiro a pecar, trazendo a todos a morte por antecipação, assim cada um dos filhos também atraiu sobre si o sofrimento vindouro, e cada um deles excluiu-se da glória futura. [...] Se Adão carrega única e exclusivamente a sua culpa, nós todos, por nossa vez, e cada um por si, tornamo-nos um Adão. (3 Baruc cap. 53).
Por isso, tal como por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte, assim a morte atingiu a todos os homens, uma vez que todos pecaram. [...] reinou a morte, mesmo sobre aqueles que não tinham pecado por uma transgressão idêntica à de Adão. (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 1844 -Rm. 5:12; 14).

Curiosamente, nenhum dos apocalipses cristãos pesa sobre Eva a entrada do pecado no mundo. O “Apocalipse Grego de Esdras”, nasci-



do no cristianismo, assim como os apocalipses judaicos “Enoque” e “3 Baruc”, não atribui a Eva a culpa direta pelo pecado. Após uma argumentação com Deus, Esdras conclui que, se Deus criou Eva, a serpente e a árvore do conhecimento do bem e do mal, então, Deus é o culpado pelo pecado no mundo! Outro apocalipse cristão, “Questões de Bartolomeu”, também exime Eva da culpa, atribuindo sua ação a um feitiço causado por beber das águas dos rios do Éden, envenenada com o suor e os pelos de Satanás.

Já o “Apocalipse Grego de Moisés”, chamado de “Vida de Adão e Eva”, texto judaico, mas contemporâneo dos primeiros escritos do Novo Testamento, apresenta uma visão diferenciada. Nesse livro, um Adão enfermo reúne os filhos e pede para Eva que conte sua versão sobre a entrada do mal na terra, atribuindo a ela a origem do mal e da doença. Eva, então, assume a culpa por ter cedido à tentação, enganada por Satanás disfarçado de anjo e ainda ter dado o fruto para Adão, sendo por ele responsabilizada por sua eminente morte. Assim, Eva relata o momento em que come do fruto:

Ao chegar a hora em que os Anjos de Deus vinham para prestar-lhe adoração, Satanás assumiu a aparência de Anjo [...] Então inoculou na fruta, que me estendia para provar, o veneno da transgressão e da cobiça. O desejo é sempre o começo de todos os pecados. Dobrei o ramo ao chão, colhi a fruta, e comi. Na mesma hora abriram-se-me os olhos e reconheci: estou despojada da honestidade que me envolvia. Chorei, e disse: “Por que assim me iludiste? Estou privada da glória da qual me revestia!” (Vida de Adão e Eva 1:17 e 19; 19).

Há curiosos paralelos entre a carta paulina de 2 Coríntios e esse livro apocalíptico: Eva como causadora do mal no mundo tendo sido seduzida pela serpente (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 1900 - 2 Co. 11:3), Satanás disfarçando-se de anjo de luz (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 1901 - 2 Co. 11:14) e a localização do Paraíso no terceiro céu (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 1902 - 2 Co. 12:2). Mais uma vez, um texto apocalíptico judaico parece, de alguma forma, transparecer nas entrelinhas das cartas paulinas, deixando mais clara a origem judaica de Paulo bem como seu conhecimento desses textos. É bem possível que Paulo, um judeu estudioso das Escrituras “aos pés de Gamaliel”, possa ter tido contato com



o texto apocalíptico “Vida de Adão e Eva” em suas primeiras versões e fez a própria leitura sobre o conteúdo teológico, cristianizando-o.

Apesar de a entrada do mal na terra ocorrer tradicionalmente no mito judaico cristão a partir do Jardim do Éden, no capítulo 6 de Gênesis relata-se sobre o mal agindo em toda a terra e a necessidade do dilúvio para uma renovação da humanidade (.BIBLIA SAGRADA, 2015, p.32) O texto introduz o mito dos filhos de Deus que coabitam com as filhas dos homens, gerando gigantes que contribuem para a corrupção da humanidade. O “Livro de Enoque” faz uma releitura de Gênesis, identificando os filhos de Deus como os Vigilantes, os filhos dos céus (anjos), que tomaram para si esposas dentre as filhas dos homens, “com as quais eles coabitaram, ensinando-lhes sortilégios, encantamentos, e a divisão de raízes e árvores. E as mulheres conceberam e geraram gigantes.” (1 Enoque, Livro dos Vigilantes, cap. 7). Embora exista semelhança nas histórias, há detalhes que enriquecem o conteúdo e abrem espaço para a discussão da origem do mal. Em “1 Enoque” os Vigilantes ensinam as mulheres o conhecimento da magia e da cura de doenças. Em consequência dessa união exogâmica, o mal espalha-se pela terra. “Eles têm ido juntos às filhas dos homens, têm-se deitado com elas; têm-se contaminado; e têm descoberto crimes a elas. As mulheres igualmente têm gerado gigantes. Assim toda a terra tem se enchido de sangue e iniquidade.” (1 Enoque, Livro dos Vigilantes, cap 9). Os Vigilantes são avisados por Deus que sua descendência é maligna e que será exterminada da terra. A exogamia é a causa do castigo infligido por Deus aos Vigilantes e aos filhos deles, como pode-se observar no texto:

Mas desde o princípio fostes feitos espirituais, possuindo uma vida que é eterna, e não sujeito à morte para sempre. Portanto, eu não fiz esposas para vós, porque, sendo espirituais, vossa habitação está no céu. Agora, os gigantes que têm nascido de espírito e de carne, serão chamados sobre a terra de maus espíritos, e na terra estará a sua habitação (1 Enoque, Livro dos Vigilantes, cap. 15).

O “Livro dos Jubileus” repete a mesma história da queda dos Vigilantes, chamando-os, porém, de Anjos de Deus e atribuindo a eles a impureza, a desordem e a maldade sobre a terra. O “Gênesis Apócrifo”,



ou “Apocalipse de Lamech”, refere-se também à sedução das mulheres pelos Vigilantes. Esses apocalipses influenciarão o cristianismo primitivo como é possível observar em Justino Mártir (c. 100-165) que, em suas duas Apologias (I, 5:2; II, 5:2-5), faz alusão à coabitação entre anjos e mulheres para apresentar os deuses das nações pagãs como demônios gerados nessa exogamia. O Gnosticismo cristão também beberá dessa fonte, pois o apocalipse gnóstico, “Apócrifo de João”, relata a origem do mal ocorrendo após o dilúvio pela ação de anjos maus (arcontes) criados por um deus imperfeito (Yaldabaoth). O texto deixa claro que as filhas dos homens são enganadas pelos arcontes que transfiguram-se na forma dos esposos e que, portanto, não são responsáveis pelo mal e sim pelo desejo maligno que eles ensinam aos homens, a cobiça e a avareza.

Apesar disso, o “Testamento de Rubem” é claro em atribuir a culpa da sedução dos Vigilantes ou Guardiões às mulheres que os enfeitiçaram com sua beleza. Curiosamente, o mesmo texto segue a linha de pensamento do “Apócrifo de João” quando explica o fato dos anjos assumirem a forma dos esposos das mulheres:

Proibi vossas mulheres e vossas filhas de enfeitarem a cabeça e o rosto! Pois toda mulher que recorre a esses ardís atrai sobre si o castigo eterno. Foi dessa maneira que elas também enfeitiçaram os Guardiões antes do dilúvio. Eles olhavam-nas constantemente, e assim conceberam o desejo por elas. Engendraram o ato em sua mente, e transformaram-se em figuras humanas. E quando aquelas mulheres se deitavam com os seus maridos, eles vinham e mostravam-se. E as mulheres em seu pensamento conceberam desejos pelas formas visíveis deles, e assim deram à luz gigantes [...]. (Testamento de Rubem 5:2).

Não só os textos apocalípticos judaicos eram conhecidos e utilizados frequentemente pelos primeiros cristãos como muitos desses textos sofreram interpolações cristãs posteriores, como pode-se perceber na leitura dos “Testamentos dos 12 Patriarcas”, do “Testamento de Moisés”, do “Testamento de Abraão”, dos “Oráculos Sibílicos” e até mesmo no mais antigo de todos, o “Livro de Enoque”. O cristianismo primitivo revisitou os textos da apocalíptica judaica, cristianizando-os com alusões ao nascimento virginal do Messias e a sua ascendência das tribos de Levi e Judá. Da mesma forma, o cristianismo também reinterpretoou como



sendo o herdeiro das promessas messiânicas dos apocalipses judaicos, absorvendo muitos dos seus conceitos.

O JULGAMENTO MORAL SOBRE A MULHER NOS TEXTOS APOCALÍPTICOS

Entre os conceitos judaicos absorvidos pelo cristianismo primitivo estava o alto peso moral infligido à mulher. Embora muitos suponham que todo o Antigo Testamento tenha originado-se em uma sociedade patriarcal e opressora às mulheres, os estudos arqueológicos e documentais mostram algo bem diferente. No chamado “período dos patriarcas”, as matriarcas dividiam a liderança com os patriarcas. Ambos possuíam funções essenciais para a manutenção da unidade dessa sociedade familiar. Existia um poder compartilhado em que a matriarca era responsável pela gestão das questões ligadas à administração da casa (a tenda), das economias (joias, ouro, prata etc.), do comércio, dos bens (gado, produtos do campo) e dos casamentos dos filhos (de preferência, dentro do mesmo clã familiar). O patriarca, por sua vez, cuidava das relações políticas com os povos vizinhos e, quando necessário, das questões das guerras (Lidice RIBEIRO, 2021a, p. 25-27).

Esse sistema manteve-se durante o período dos juízes e, mesmo no período dos reis, ainda observamos que muitas das rainhas exerciam uma liderança compartilhada. Devido a esse sistema, a mulher era valorizada e resguardada como bem precioso, fazendo parte de um sistema de arranjos de casamentos endogâmicos (Lidice RIBEIRO, 2021a, p. 27-34). Foi apenas após o retorno do exílio (c. 537 a.C.) que o peso moral que já era atribuído às mulheres estrangeiras passou a ser também colocado sobre os ombros das mulheres em geral. No retorno do Exílio, os reformadores Esdras e Neemias escolheram o caminho do etnocentrismo (BIBLIA SAGRADA, 2015, p.642, 643, 664,665 - Ed. 9:1-2; 10:2-7; Ne. 13:1-9 e 23-30). Surgiram os textos legislativos, cuja ênfase foi colocada nas práticas que são sinais visíveis da identidade judaica: a circuncisão, o sábado, as prescrições alimentares e a preocupação mais ampla por uma pureza de separação. Os legisladores deuteronomistas e sacerdotais, ao redigirem os textos do Antigo Testamento, sobretudo, relativos à separação e à pureza moral, foram responsáveis pela atribuição do controle moral e



social sobre as mulheres israelitas e, conseqüentemente, as suas herdeiras cristãs. Calum Carmichael (1979, 1996, 1997) observou como as narrativas das filhas de Ló, Tamar e Rute foram aproveitadas pelo legislador bíblico para estabelecer suas leis de santidade, purificando as tradições dessas mulheres de elementos idólatras e imorais, ajustando seu comportamento aos novos padrões monoteístas.

Considerando que os textos apocalípticos têm origem no mesmo período pós-exílico, é natural que esse raciocínio de purificação moral e sexual transpareça também nesses textos. O “Livro dos Jubileus” é uma paráfrase de Gênesis até o início de Êxodo, com diversos acréscimos como os nomes das esposas dos personagens e diálogos ampliados. O texto é uma constante defesa da retidão da endogamia e exortação contra a pecaminosidade da exogamia. As mulheres possuem no texto uma grande importância nas genealogias, pois são elas que transmitem o “sangue” israelita ao filho gerado. O Livro dos Jubileus justifica a origem das leis e costumes judaicos (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 180-181,186-187 -Lv. 12 e 15) como a necessidade de períodos maiores de purificação para a mulher que gera uma menina por meio de uma inclusão à história de Adão e Eva. Segundo esse livro, embora Eva tenha sido criada junto com Adão, ela só foi apresentada a ele uma semana depois: “E por esta razão o mandamento foi dado para guardar em sua impureza para o homem sete dias, e para a mulher duas vezes sete dias” (Livro dos Jubileus 3:8). E a diferença entre o tempo de purificação ao gerar o menino (40 dias) e uma menina (80 dias) também estaria ligada ao casal primordial, pois Eva também só entrou no Jardim do Éden 80 dias após Adão:

E quando ele tinha completado esses oitenta dias nós a trouxemos ao jardim do Éden, porque este jardim é mais santo que toda a terra a seu redor e cada árvore plantada nele é santa. Por isso foi ordenado no que diz respeito a ela que ao parir um menino ou menina o estatuto destes dias nos quais ela não pode tocar nada sagrado, nem entrar no santuário até que os dias determinados para um menino ou uma menina estejam completos. (Livro dos Jubileus, 3:12-13).

O “Testamento dos 12 Patriarcas” apresenta exemplos muito claros da influência dos textos legislativos sobre seu autor. O primeiro dos testamentos é o de Ruben, o primogênito de Jacó. O texto inicial baseia-



se em Gênesis 35:2 (BIBLIA SAGRADA, 2015, p.73), com mais detalhes do pecado de Rubem que, após ter visto Bila, concubina do seu pai, no banho, desejou-a e estuprou-a. Esse pecado assombrou-lhe o resto da vida e, assim, às portas da morte, reúne os filhos para aconselhá-los, culpando Bila por tê-lo seduzido, mesmo que involuntariamente, por ser bela, assim como as filhas dos homens fizeram aos Vigilantes:

As mulheres são maldosas, meus filhos; se não possuem nem força nem poder sobre o homem, procuram atraí-lo por meio de encantamentos e se não conseguem dobrá-lo por esse meio, pressionam-no com astúcias. Sobre elas falou-me o Anjo do Senhor ensinando-me que as mulheres são mais sujeitas ao espírito da luxúria que os homens. Arma intrigas em seu coração contra eles. Primeiro transtornam a sua mente por meio do enfeite, e injetam neles o veneno através do seu olhar; depois apanham-no pelo ato. De outra forma, nunca uma mulher poderia subjugar um homem. [...] Foi dessa maneira que elas também enfeitiçaram os Guardiões antes do dilúvio. (Testamento de Rubem 5:1-2).

O “Testamento de José” é um relato sobre o período em que foi escravo no Egito, detalhando todos os ardis de sedução utilizados pela esposa de Potifar para induzi-lo ao pecado: “[...] ela desnudava seus braços, seu peito e suas pernas, no intuito de atrair-me. Ela era muito bonita, e enfeitava-se admiravelmente, apenas para deixar-me alucinado. Mas o Senhor protegeu-me dos seus atrativos.” (Testamento de José 8:2).

Um texto curioso é encontrado no “Testamento de Issacar”. Nele, a história das irmãs Raquel e Lia (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 64-65 - Gn. 30:1-24) é recontada de forma a amenizar o conteúdo mágico do uso da mandrágora como afrodisíaca e fertilizadora e para purificar as matriarcas Raquel e Lia de qualquer conteúdo sexual. No “Testamento de Issacar”, as irmãs trocam uma noite com Jacó não por mandrágoras, mas por tomates! Raquel, no texto, passa a ser uma reprodutora sem desejos sexuais e os tomates são ofertados ao Senhor.

Apareceu então o Anjo do Senhor a Jacó e disse-lhe: Raquel agora trará ao mundo dois filhos. Ela desprezava o coito marital, preferindo a continência. [...] O Senhor sabia que ela só desejava deitar-se com Jacó para ter filhos e não por prazer pecaminoso. (Testamento de Issacar 2:1-2).



Os apocalipses cristãos não canônicos mostram uma forte influência judaica⁶ mantendo um maior peso à moralidade e controle sobre a mulher. Da mesma forma, a moralidade judaica influenciou textos canônicos como 1 Pedro 3 e 1 Timóteo 2 (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 2002 e 1953) que foram escritos entre os séculos I e II EC quando a igreja passava por uma época de rejeição. Os padrões de moralidade judaicos foram infiltrando-se na Igreja a partir de textos não canônicos que circulavam juntamente com as cartas paulinas que abordavam um conteúdo oposto, valorizando a igualdade entre os sexos como em Gálatas 3:28 (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 1911).

O “Apocalipse de Pedro” é claramente um apocalipse cristão com elementos judaicos e helenísticos. Ele descreve a descida ao inferno detalhando os vários níveis de punições aos pecadores. As punições seguem a lei de Talião, de Levíticos 24:19-21 (BIBLIA SAGRADA, 2015, p.200) aplicada a “cada um de acordo com sua ação”. Embora homens e mulheres sejam condenados ao inferno pelos seus pecados, as mulheres são especialmente alvo da severidade dos castigos infligidos aos pecados de natureza moral (pecados verbais e sexuais). Cada mulher recebe o castigo relacionado a uma característica do seu pecado. As mulheres adúlteras são penduradas pelos cabelos, associados ao pecado da vaidade e à sedução, como enfatiza o “Testamento de Rubem”, 1 Timóteo 2:9 (BIBLIA SAGRADA, 2015, p.1953) e 1 Pedro 3:3(BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 2002). Já as mulheres que abortaram são imersas em um líquido pútrido enquanto crianças lançam-lhes raios nos olhos. São também castigadas as mulheres perseguidoras de justos, blasfemas, falsas testemunhas, avaras, agiotas, lésbicas, idólatras e apóstatas.

A descida aos infernos é um tema comum entre os apocalipses cristãos e as condenações às mulheres pelos pecados morais e sexuais também estão presentes no “Apocalipse da Virgem”, uma reelaboração etíope do “Apocalipse de Paulo”. Nele, é Nossa Senhora quem,

⁶ Autores como John Collins (2010) e Gonzalo Aranda Perez (2006) apontam para as diversas interpolações cristãs que alguns textos apocalípticos judaicos sofreram, de modo que não há como se ter precisão sobre certas partes cujas cópias encontradas até o presente momento datam da era cristã. O testamento de Abraão e os Testamentos dos Doze Patriarcas contêm exemplos de partes cuja origem judaica ou cristã ainda é questionada.



acompanhada do Anjo Miguel, visita o inferno, compadecendo-se dos condenados e intercedendo por eles. Os pecados castigados no “Apocalipse da Virgem” são divididos em teológicos (não acreditar na Trindade, não confessar a mãe de Deus e não reconhecer a encarnação de Jesus), pecados morais e sexuais (adultério, juramento falso, usura) e pecados eclesiais (faltar à igreja, não honrar os presbíteros, blasfêmia e fraudar a igreja). Há um setor reservado para os pecadores eclesiais (leitores que não praticam o evangelho, bispos indignos, viúvas de presbíteros que contraem novas núpcias, arquidiaconisas adúlteras, diaconisas avaras, agiotas e vaidosas), para judeus e para cristãos que desviaram-se da fé. Em todos esses níveis do inferno, há homens e mulheres condenados, mas destacam-se apenas mulheres nos pecados da fofoca, falso testemunho e palavrões (pecados verbais e morais).

No “Apocalipse Grego de Esdras”, quando Esdras é acompanhado na descida aos infernos, ele vê uma mulher filicida sendo castigada. O horror ao castigo é tanto que a visão faz Esdras interceder pelos pecadores. Os horrores dos castigos nas visões do inferno nos apocalipses cristãos têm o propósito de exortar para uma vida de santidade moral, sexual e espiritual. Sendo que a crença escatológica reinante era a do retorno de Jesus com muita brevidade, manter a santidade fazia parte da vigilância necessária para a parusia⁷. Assim, a igreja absorveu e preservou as restrições às mulheres, consideradas tanto mais vulneráveis como também objetos de desejo e pecado.

A LIDERANÇA FEMININA NOS TEXTOS APOCALÍPTICOS

Como uma das características do gênero apocalíptico é a pseudonímia, técnica usada na profecia babilônica, persa e egípcia, e muito difundida na era helenística, é importante destacar que dos cinquenta textos apocalípticos escritos entre os séculos II AEC e IV EC, apenas um tem autoria feminina atribuída. O único texto apocalíptico totalmente

⁷ Parusia (do grego parousia = vinda), originalmente, era a chegada festiva do rei em visita a um dos seus domínios. No AT, o termo empregava-se para o majestoso encontro de Javé com o seu povo. No NT, passou a designar a segunda vinda de Jesus Cristo, na sua glória, no fim dos tempos, como juiz dos vivos e dos mortos. (FALCÃO, Manuel. **Enciclopédia Católica Popular**. Prior Velho: Paulinas, p. 374).



escrito no feminino é o “Livro da Sibila” ou “Oráculos Sibilinos”. As sibilas eram profetisas oraculares presentes na cultura helênica. Tradicionalmente, acreditava-se que a primeira sibila, da qual o nome das demais derivou, era filha de Dardano e neta de Zeus, posto isso, Maria Cláudia Magnani (2019) considera-as como sobrevivências do paganismo no mundo cristão. Os “Oráculos Sibilinos” são anteriores ou até contemporâneos à formação do cristianismo. A sibila apresenta-se como uma “grande profetisa de Deus”, muitas vezes desprezada como louca:

[...] sou uma sibila nascida de mãe Circe e pai Gnostos delirando, louca e falsa; mas naquele tempo quando tudo acontecer vocês se lembrarão de mim, e ninguém mais me chamará de louca, a grande profetisa de Deus, pois ele me mostrou o que aconteceu anteriormente aos meus ancestrais; quais foram as primeiras coisas que Deus me deu a conhecer; e em minha mente Deus colocou todas as coisas que estavam para acontecer para que eu pudesse profetizar as coisas futuras e contá-las aos homens. (Oráculos Sibilinos 3:§1010-1020).

A figura da sibila pagã em um livro judaico-cristão é, por si só, curiosa e instigante. Ela também será citada no texto cristão “Pastor de Hermas”. Dentro de uma interpretação judaica em que as mulheres estrangeiras, como a sibila, eram tidas como pecadoras e responsáveis por desvirtuarem os homens, temos uma mulher que identifica-se como filha de Circe, uma deusa grega ligada à premonição e à magia, e de Gnostos (o conhecimento), a qual diz ser profetisa de Deus. Além da sibila, a qual sempre abre e fecha cada parte do livro com falas próprias, a obra apresenta ainda duas personagens femininas: Eva e a rainha egípcia Cleópatra⁸. “E então o mundo inteiro será governado pelas mãos de uma mulher obedecida

⁸ Cleópatra é apresentada no texto logo depois de uma referência ao segundo triunvirato (43 a.C. – 33 a.C.) de Otaviano, Marco Antônio e Lépido como “a mulher viúva” em referência à morte do esposo Ptolomeu XIV. Tendo os livros judaicos dos “Oráculos Sibilinos” sido escritos por judeus da dispersão durante as revoltas contra os Selêucidas, é natural que a figura da Cleópatra, a última rainha da dinastia dos Ptolomeus, os Lágidas, seja exaltada como uma possível libertadora à semelhança do rei Ciro da Pérsia. Mesmo Roma é vista como uma possível salvadora, visto que aliara-se à Cleópatra contra os Selêucidas. Os judeus, principalmente no Egito, ansiavam pela derrota dos Selêucidas e a restauração do governo Ptolomaico na Palestina que facilitaria, ao seu ver, o caminho para um estado judaico com sede em Jerusalém. Mas o próprio texto encarrega-se de mostrar que os planos de Deus para a libertação do povo seriam muito mais fortes e decisivos do que a atuação da rainha egípcia.



em todos os lugares.” (Oráculos Sibilinos 3:90-111). A morte de Cleópatra é associada a imagens apocalípticas de destruição cósmica que mostram a soberania de Deus apesar dos acontecimentos humanos: “[...] todos os elementos serão despojados de ordem, quando o Deus que habita nas alturas rolar o céu, assim como um pergaminho é enrolado; [...] do poderoso Deus o julgamento a caminho de uma poderosa era virá, quando todas essas coisas acontecerão.” (Oráculos Sibilinos 3:90-111).

A liderança feminina nos textos apocalípticos judaicos faz-se também presente no “Apocalipse Grego de Baruc”. Nesse apocalipse, a história de Israel é contada simbolicamente em uma sucessão de nuvens claras e escuras. No capítulo 58, Miriam é citada entre Moisés, Arão, Josué e Calebe como representante do “facho da Lei, válido para todo o sempre” que serve de guia para os que estão nas trevas. Miriam, uma profetisa cuja liderança entre as mulheres e homens do povo durante a peregrinação do deserto é atestada pela Bíblia (BÍBLIA SAGRADA, 2015, p. 125 - Ex. 15:20; BÍBLIA SAGRADA, 2015, p. 226 - Nm. 12:15), tem a memória da sua importância preservada ainda após a queda de Jerusalém em 70 EC.

Dentre os apocalipses cristãos já citados anteriormente, há de destacar-se o fato de o “Apocalipse da Virgem” abordar entre as mulheres condenadas as figuras de diaconisas e de uma arquidiaconisa. Sendo o texto datado de meados do século III ao final do século IV, temos um registro da existência desses dois cargos eclesiais exercidos por mulheres, ao menos entre os cristãos da Etiópia, de onde o texto origina-se. Corroborando a presença de mulheres em funções de base na igreja primitiva, temos o texto “Pastor de Hermas”, o qual era aceito como escritura até o estabelecimento final do cânon bíblico. Nesse livro, a presença e a importância dada às mulheres são tanto valiosas como reveladoras. A Igreja apresenta-se a Hermas sob três formas femininas: uma idosa, uma moça e uma jovem noiva. A mesma igreja também é vista por Hermas na forma de uma torre sustentada por sete mulheres.

Ela me olhou sorridente e perguntou: Vês sete mulheres ao redor da construção? Eu respondi: Sim, senhora. Ela continuou: A torre é sustentada por elas, por ordem do Senhor. Ouve agora as funções que elas desempenham. A primeira, de mãos fortes, se chama Fé. É por meio dela que os eleitos do Senhor são salvos. A segunda, que



tem cinto e aspecto viril, chama-se Continência, e é filha da Fé. Todo aquele que a segue é feliz durante a vida, porque se abstém de toda má ação, crendo que, por se abster de todo desejo perverso, herdará a vida eterna. (Eu então perguntei:) Senhora, e quem são as outras? Elas são filhas uma da outra e se chamam Simplicidade, Ciência, Inocência, Santidade e Caridade. Portanto, se realizares todas as obras da mãe delas, viverás. (Pastor de Hermas, cap. 16).

Em outra visão, Hermas vê doze virgens vestidas de linho que atuam ativamente na construção da Igreja/Torre e que o Pastor identifica como o Espírito Santo: “Ele disse: ‘A torre é a Igreja’. ‘E quem são as virgens?’. Ele respondeu: ‘São espíritos santos. Um homem não pode entrar de outra forma no Reino de Deus, se essas virgens não o revestirem com a própria veste delas’.” (Pastor de Hermas, cap. 90). As virgens são nomeadas como: Fé, Temperança, Força, Paciência, Simplicidade, Inocência, Castidade, Alegria, Verdade, Inteligência, Concórdia e Caridade. Por fim, Hermas vê doze mulheres vestidas de preto que colaboram na construção da Igreja/Torre fazendo a separação das pedras boas das pedras más. As mulheres são identificadas com os nomes: Incredulidade, Intemperança, Desobediência, Engano, Tristeza, Maldade, Dissolução, Cólera, Falsidade, Insensatez, Maledicência e Ódio. As doze virgens e as doze mulheres, apesar das características opostas, são ambas partes do propósito divino na construção da Torre. Apesar da sensualidade e da negatividade dos seus nomes, as mulheres vestidas de preto têm uma função na construção da Igreja (separar o trigo do joio).

É interessante observar que a imagem da Igreja/Torre será associada à Maria Madalena, já que o seu local de origem Magdala também era conhecido como Migdal (nome hebraico para torre). Jerônimo chama Madalena de Torre pela força de sua fé, cuja recompensa foi ser a primeira testemunha da ressurreição.

Como as três Marias permaneceram junto a cruz e especialmente como Maria de Magdala, chamada A Torre porque causa da força e intensidade da sua fé, teve o privilégio de ver o Cristo ressuscitado, mesmo antes dos apóstolos... Porque nós julgamos a virtude das pessoas não pelo seu sexo mas pelo caráter e força sendo mais valiosos aqueles que pela glória do alto renunciaram tanto a posição social como a riqueza. (Jerônimo, Carta 127 a Marcella).



Os cristãos gnósticos vão também utilizar essa imagem de Maria Madalena como representativa da Igreja celestial, a encarnação da Sophia celeste que celebrará a sagrada hierogamia com o Cristo. Esse ensinamento, dentre outros, foi resgatado após a descoberta da Biblioteca de Nag Hammadi, de onde foram recuperados os textos de sete apocalipses gnósticos. Dentre eles, o “Primeiro Apocalipse de Tiago” aborda outra grande semelhança com o “Pastor de Hermas”. Enquanto no “Pastor de Hermas”, o pastor apresenta as sete mulheres que sustentam a igreja. No “Primeiro Apocalipse de Tiago”, Jesus apresenta para Tiago as sete mulheres/discípulas que sustentam a Igreja: “As sete você conhece bem: um espírito de Deus, um espírito de sabedoria, um espírito de compreensão, um espírito de conselho, um espírito de força, um espírito de conhecimento e o espírito do medo delas”. E orienta Tiago a imitar o exemplo de quatro discípulas: Salomé, Maria, Marta e Arsínoe que sofreriam o martírio para que o poder de Deus se manifestasse por meio delas.

Elas serão pilares para o pilar e alicerces para o alicerce. Estas mulheres serão os primeiros frutos de Deus, mas não como fumaça subindo de oferendas queimadas abomináveis. Elas se erguerão imperecíveis como estrelas no caminho ascendente. Através delas, o poder de Deus se manifestará publicamente. (1 Ap. Tiago).

É curioso que o texto do “1 Apocalipse de Tiago” ressalte o nome de três mulheres presentes na ressurreição de Jesus segundo os relatos bíblicos e de mais uma, Arsinoé, a qual não consta nos evangelhos. A preparação para o martírio de Tiago depende desse imitar o exemplo dessas mulheres que Jesus apresenta como exemplos de moral por meio da metáfora do sacrifício. As quatro mulheres são os pilares sustentadores do pilar-Jesus, o que pode apontar para a importância das mulheres no sustento financeiro do ministério de Jesus, conforme Lucas 8:1-3 (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 1684).

Observa-se, também, no “1 Apocalipse de Tiago”, a referência ao martírio, tema que seria oriundo do movimento apocalíptico no cristianismo. Os cristãos perseguidos acreditavam que o sofrimento à semelhança do de Cristo tinha um valor redentor e que seria premia-



do no futuro. O martírio feminino foi tema de textos no cristianismo primitivo como “Atos de Paulo e Tecla” e “Diário de Perpétua”. Esses textos, mesmo que fantasiosos, são a memória de um fato muito real: mulheres cristãs foram martirizadas e, dentre elas, muitas exerciam liderança na igreja nascente. O “Apocalipse Copta de Elias”, escrito durante a perseguição pelos imperadores romanos Diocleciano e Galério, registra a atitude corajosa de uma virgem chamada Tabita. A virgem enfrenta o Anticristo, denunciando-o, é morta e ressuscita. Seu sangue derramado foi fonte de crescimento para a Igreja. Uma bela imagem que mostra o sangue feminino como fertilizador da Igreja à semelhança da afirmação de Tertuliano: “O sangue dos mártires é a semente dos cristãos” (TERTULIANO, 2015, p.141, cap 50).

Nos textos apocalípticos cristãos dos séculos I a IV, observa-se uma crescente valorização da castidade e da virgindade (“As 10 virgens”, “Pastor de Hermas”, “Ap. Copta de Elias”) e um destaque crescente a Maria (“Questões de Bartolomeu”, “Ap. da Virgem”). O texto “Questões de Bartolomeu” relata o respeito que os discípulos de Jesus têm por Maria, não apenas como mãe de Deus, mas também como líder de oração.

Disseram-lhe, porém: Em ti pôs o Senhor o seu tabernáculo, e foi do seu agrado que tu o contivesses, e tu deves ser a líder na oração. [...] Os apóstolos disseram-lhe: Tu deves orar, tu és a mãe do Rei celestial. [...] Então Maria levantou-se diante deles e ergueu as mãos para o céu e começou a falar assim: [...] (Questões de Bartolomeu, cap. 2).

Os apocalipses não canônicos fazem, portanto, o tão importante registro de mulheres em posições de liderança tanto no judaísmo como no cristianismo primitivo. As imagens femininas têm destaque na formação da Igreja, sendo uma herança judaica da representação feminina de Sião/Jerusalém tanto na Bíblia como nos apocalipses judaicos (“3 Baruc” e “4 Esdras”). Há o resgate de mulheres do passado longínquo como Miriam; mulheres de um passado recente do autor do texto como Marta, Maria, Salomé, Arsinoé; mulheres anônimas representadas pelos cargos eclesiais de diaconisas e arquidiaconisas que ainda traçam a importância futura das mulheres, atuando ativamente na consumação dos tempos, na figura da virgem Tabita.



AS MULHERES COMO AGENTES DA CURA APOCALÍPTICA

John Collins (2010) aborda o conceito de “Cura Apocalíptica” com base nos estudos do antropólogo Claude Lévi-Strauss (2008) sobre a eficácia simbólica da cura mágica em analogia com a psicoterapia. A expressão eficácia simbólica designa a propriedade que os símbolos têm de induzir resultados concretos no real. Tanto a cura mágica como a cura psicoterápica propõem-se a trazer à consciência conflitos e resistências inconscientes. O psicoterapeuta faz o paciente reviver a situação traumática que gerou-lhe o distúrbio, seja ele físico, social ou emocional. Quando o paciente liberta-se do estado penoso que o mantinha ligado ao acontecimento traumático, a cura é processada. Esse processo de cura é chamado de ab-reação. No caso da cura mágica, o xamã faz o mesmo processo, mas por meio de uma vivência simbólica de um mito que explica o estado atual do paciente. Sendo mitos, as histórias sagradas de um povo, a cura mágica só é possível quando processa-se dentro de uma atmosfera de crenças compartilhadas. Martha Himmelfarb (1991) já havia também abordado a transformação interior realizada no visionário e no leitor dos apocalipses em seu texto sobre revelação e arrebatamento.

Os apocalipses resgatam a história do cuidado de Deus com Seu povo, a fim de mostrar a Sua fidelidade mesmo em tempos de perseguição e crise. O leitor do texto apocalíptico comunga com as mesmas crenças do autor e compartilha do conhecimento dos símbolos utilizados. Havendo essa aproximação de cosmovisões, os problemas de qualquer época podem ser “lidos” e compreendidos na sobreposição dos mitos presentes nos textos apocalípticos. Assim, “a cura apocalíptica é levada a cabo através do reviver e retrabalhar do passado” (John COLLINS, 2010, p. 86).

Nos “Oráculos Sibílicos”, a cura apocalíptica ocorre conforme as predições da sibila vão concretizando-se e quem a desprezava passa a reconhecê-la como instrumento divino para o consolo e o encorajamento. Da mesma forma, o leitor vai certificando-se de que suas descrenças vão transformando-se em crenças que o levam a renovar as esperanças frente à crise vivenciada.



No Apocalipse “4 Esdras”, em um diálogo entre Esdras e um anjo, observa-se um Esdras cético em aceitar as revelações apocalípticas. Então, há uma mudança súbita e Esdras passa a acreditar e a aceitar as visões concedidas pelo anjo. Por fim, Esdras torna-se um revelador da visão para o povo. A visão da mulher que representa Sião é o “ponto de virada” na vida de Esdras e do leitor. Ao consolar a mulher/Sião, Esdras percebe-se consolando a si próprio. Ele e o leitor podem, assim, transpor os limites da triste realidade para vivenciar a transcendência da ação de Deus na história que é a cura apocalíptica.

Esta mulher que você viu, a quem você agora vê como uma cidade estabelecida, é Sião. [...] E eis que você viu sua semelhança, como ela chorou por seu filho, e você começou a consolá-la pelo que havia acontecido. Pois agora o Altíssimo, vendo que você está sinceramente triste e profundamente angustiado por ela, mostrou-lhe o brilho de sua glória e a amabilidade de sua beleza. (4 Ed. 10:41-50).

A Igreja representada em “Pastor de Hermas”, na forma feminina, é semelhante à Sião em “4 Esdras”, o agente da cura apocalíptica para Hermas. Antes da primeira visão, o ex-escravo Hermas relata seu desejo sexual por sua antiga proprietária, Rosa. A Igreja em forma de mulher idosa aparece e explica a Hermas a profundidade de seu pecado, pelo que se entristece. A senhora idosa, então, orienta-o à penitência. Hermes verá a Igreja na figura de uma jovem que mostrará-lhe como seus filhos também precisam realizar penitências e que Hermas deve, a partir de então, guardar a castidade. Só então Hermas verá a Igreja jovem adornada como noiva. A transformação interior de Hermas é acompanhada da transformação da Igreja idosa em virgem noiva. Há uma clara importância dada à penitência e à castidade como elementos purificadores e santificadores. O leitor percebe que, para aguardar a parusia, é necessário proceder de modo a merecer as recompensas celestiais que estão por vir.

É interessante observar que os elementos de transformação espiritual e moral nos textos apocalípticos não canônicos sejam femininos. Com isso, talvez possamos perceber uma sugestão da atuação consoladora do Espírito Santo que, para a compreensão judaico-cristã, era a *ruah*, a face feminina de Deus.



A MULHER QUE GERA O MESSIAS

À parte de considerações teológicas, cabe ainda apresentar como os textos apocalípticos introduzem a figura do Messias e sua mãe. Para a leitura desses textos, é importante ter em mente que alguns dos apocalipses judaicos sofreram inclusões posteriores dentro do ambiente cristão. Ainda discute-se se o texto do “Livro das Parábolas” (Enoque) sofreu uma cristianização ou é puramente judaico (John COLLINS, 2010). Nele, encontramos a primeira menção ao Messias⁹ tanto como Filho do homem como Filho da mulher.

E aflição os prenderá quando eles virem o **Filho da mulher** assentado sobre o seu trono de glória. Então os reis, os príncipes e todos os que possuem a terra glorificarão Aquele que tem domínio sobre todas as coisas, Aquele que esteve em conselho; pois desde o princípio o **Filho do homem** existiu em segredo, o qual o Altíssimo preservou na presença do Seu poder e foi revelado aos eleitos. (Livro das Parábolas, cap. 61).

A presença do termo “Filho do homem” na literatura apocalíptica é recorrente, inclusive em Daniel 7 e nos Evangelhos. John Collins (2010) aponta para uma associação entre o termo “Filho do homem” nesse texto com o utilizado em Mateus 19:28 e 25:31 (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 1601; 1613) pela sua representação “assentado sobre o seu trono de glória”. O que gera um aspecto de novidade é o uso do termo “Filho da mulher”. Podemos considerá-lo um paralelo também com os escritos do Apóstolo Paulo, pois, embora ele nunca cite o nome de Maria como mãe de Jesus, chama-o de “nascido de uma mulher” (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 1911 - Gl. 4:4), associado ao conceito apocalíptico de “plenitude do tempo” do qual podemos também supor uma referência ao seu conhecimento do texto judaico de Enoque.

O capítulo 19 do “Testamento de José” anuncia que o Messias virá das tribos de Judá e Levi, e apresenta uma virgem de Judá de quem nascerá um cordeiro que conquistará e destruirá seus inimigos, im-

⁹ O Livro das Parábolas trata, com muito enfoque, do “Filho do homem”, “O Escolhido” ou “O Messias”. Para um estudo mais completo sobre essa terminologia, veja: COLLINS, John. **A Imaginação Apocalíptica**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 265-278.



plantando um reino sem fim. O texto é considerado um miniapocalipse com diversos simbolismos animais. Os versículos 8-12 que introduzem a virgem e o cordeiro aparecem apenas na versão armênia do texto e por isso crê-se ser uma edição cristã posterior (Phillip LONG, 2017), embora a menção às tribos de Judá e Levi ocorram em quase todos os outros “Testamentos dos 12 Patriarcas”.

Enquanto os dois textos judaicos remetem à promessa da vinda do Messias, “Filho da mulher” e filho da “Virgem”, o “Apocalipse” de João une as duas promessas no nascimento do “Filho da mulher” que “há de governar todas as nações com cetro de ferro” (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 2042 – Ap. 12:5) e que, na figura do Cordeiro, vence os inimigos (BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 2043 - Ap. 12. 10-12).

Essa mulher nos apocalipses cristãos, escritos após o século III, é identificada como Maria, a quem atribuem-se os títulos de “Mãe do rei celestial” (Questões de Bartolomeu, 2) e “Mãe de Deus” (Apocalipse da Virgem, 1), antecipando-se mesmo ao Concílio de Éfeso (431 EC) que, definitivamente, atrelaria Maria ao título de “*Theotókos*”. Esses textos podem, portanto, revelar a veneração pela Maria como “Mãe de Deus”, já formando-se no cristianismo primitivo no século III.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura apocalíptica escrita dos séculos II AEC a IV EC é rica em imagens femininas, tanto de forma positiva como negativa. As mulheres retratadas seguem um padrão de associação às funções básicas dos apocalipses: refletir sobre o poder do mal e sobre o sentido da vida (especulação); confortar os fiéis pela promessa de libertação assegurada pela soberania de Deus na história (consolação); e exortar os fiéis a viverem segundo a justiça de Deus (exortação).

As mulheres nos apocalipses reforçam conceitos básicos para a identidade de Israel no período pós-exílio que serão absorvidos pelas comunidades cristãs primitivas: a relação entre endogamia com pureza espiritual e entre exogamia com infidelidade e idolatria, e o forte controle e julgamento moral infligidos às mulheres. A origem do mal no mundo não é atribuída a Eva por todos os autores apocalípticos, o que pode ter influenciado a teologia paulina, diferentemente da teologia rabínica, a responsabilizar Adão como representante da humanidade.



É digno de nota o fato de que os episódios mais marcantes de cura apocalíptica registrados nos textos sejam relacionados às personagens femininas, bem como o registro de mulheres em funções e cargos de liderança tanto nos textos judaicos como nos textos cristãos. Observa-se, também, uma progressiva valorização da castidade e da virgindade como valores cristãos, bem como uma crescente exaltação à virgem Maria.

Todas essas considerações não visam encerrar o assunto e o debate nele incluso, mas apontar para possíveis caminhos que nos levem a compreender as razões pelas quais alguns textos apocalípticos foram mantidos no cânon bíblico enquanto outros foram relegados ao cânon apócrifo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Herculano (coord.). **Bíblia Sagrada**. A Bíblia dos capuchinhos. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2015.
- ALVES, Herculano. Apocalipse: estrutura e simbolismo. In: ALVES, Herculano (org.) **Apocalipse – novos céus e nova terra**. X Semana Bíblica Nacional. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 1988.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CARMICHAEL, Calum MacNeill. **Law, Legend, and Incest in the Bible**. New York: The Free Press, 1997.
- CARMICHAEL, Calum MacNeill. **The Spirit of Biblical Law**. Athens, Georgia: The University of Georgia, 1996.
- CARMICHAEL, Calum MacNeill. **Women, Law, and Genesis Traditions**. Edinburgh: Edinburgh Press, 1979.
- CHARLES, R.H. (trad.) **Apocalypse Of Baruch and The Assumption Of Moses**. Boston: Weiser Books, 2006. Kindle edition.
- CHARLES, R.H. (trad.). **The Testaments of the Twelve Patriarchs**. The Readers Digital Edition.
- CHARLESWORTH, James H. (ed.). **The Old Testament Pseudepigrapha Volume 1: Apocalyptic Literature and Testaments**. Peabody, MA: Hendrickson Academic, 2010.
- COLLINS, John J. **A Imaginação Apocalíptica – uma introdução à literatura apocalíptica judaica**. São Paulo: Paulus, 2010.
- FALCÃO, Manuel Franco. **Enciclopédia Católica Popular**. Prior Velho: Paulinas, 2004.
- HIMMELFARB, Martha. **Revelation and Rapture: The Transformation of the Visionary in the Ascent Apocalypses**. In: John Joseph Collins, James H. Charlesworth. **Mysteries and**



Revelations: Apocalyptic Studies Since the Uppsala Colloquium. University of Michigan: JSOT Press, 1991. p. 79-90.

HIMMELFARB, Martha. **Tours of Hell:** An Apocalyptic Form in Jewish and Christian Literature. Fortress Press, 1985.

JUSTINO DE ROMA. Apologias I e II, Diálogo com Tritão. Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 1995.

LEACH, Edmund; AYCOCK, Alan. Structuralist Interpretations of Biblical Myth. Cambridge: University Press, 1983.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In: **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008. p. 201-221.

LONG, Phillip J. **Testament of Joseph**. 22 June 2017. In: <https://readingacts.com/2017/06/22/testament-of-joseph/>. Acesso em: 03 abril 2023.

MAGNANI, Maria Cláudia Almeida Orlando. Sibilas: a sobrevivência das profetisas pagãs no mundo cristão. **Horizonte:** Belo Horizonte, v. 17, n. 54, p. 1571-1599, set./dez. 2019.

PEREZ, Gonzalo Aranda. Apocalíptica judaica fora da Bíblia. In: Vv. **Apocalíptica e Milenarismo**. Série Atualidades Bíblicas, n. 10. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2006.

PIÑERO, Antonio; TORRENTES, José Montserrat; BAZÁN, Francisco Garcia. Textos gnósticos: Apocalipsis y otros escritos. Biblioteca de Nag Hammadi, III. Madrid: Trotta, 2016.

PORTIER-YOUNG, Anthea E. **Apocalypse Against Empire: Theologies of Resistance in Early Judaism**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2014.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. Antropologia Bíblica: ferramenta eficaz para a compreensão do texto bíblico. **Revista Teológica**, Seminário Presbiteriano do Sul, v. 74, n. 2, p. 22-37, 2021a.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. O sagrado feminino na primavera bíblica. **Mandrágora**, v. 27, n. 1, p. 7-30, 2021b.

ROBINSON, James. A Biblioteca de Nag Hammadi. São Paulo: Madras, 2006.

TERRY, Milton S. (trad.) The Sibylline Oracles. Lawton, OK. Trumpet Press, 2020. Kindle edition.

TERTULIANO. The Apology of Tretulian and The meditation of the Emperor Marcus Aurelius Antoninus. Translated and annotated by WM Reeve. Victoria: Leopold Classic Library, 2015, .

Submetido em: 3-4-2023

Aceito em: 16-5-2023